

Messi ganha a Copa, a Copa ganha Messi



Emiliano Martínez faz defesa espetacular no último lance do 2º tempo da prorrogação após chute de Muani, o que levou a final para os pênaltis. Dylan Martinez/Reuters

Copa do Mundo ganha Messi em final com 6 gols, pênaltis e drama

Melhor do mundo 7 vezes, craque conquista taça que faltava em carreira lendária e multicampeã

Alex Sabino,
Luciano Trindade
e Victoria Damasceno

LUSAL. O que pode ter passado pela cabeça de Lionel Andrés Messi Cucittini, 35? Com a bola debaixo do braço, ele esperava os franceses cessarem a reclamação com o árbitro polonês Szymon Marciniak para colocá-la na marca do pênalti.

Pode ter pensado a importância daquele momento. Era, afinal, a final da Copa do Mundo do Qatar, no estádio de Lusail, neste domingo (18), contra o então dono do troféu, a França. Talvez tenha pensado no confronto com Mbappé, seu companheiro de PSG e candidato a sucedê-lo no troféu de melhor do planeta.

Foi uma decisão em que a Argentina, com futebol campeão em alguns momentos e sofrido em outros, derrotaria o adversário europeu nos pênaltis, após empate por 3 a 3, para ser o primeiro país sul-americano a ganhar o torneio desde o Brasil de 2002.

Por um décimo de segundo, Messi deve ter percebido que, em seu último jogo de Mundial, tinha a chance de se aproximar do seu maior sonho. Aquele desenterrado em vídeo gravado quando era criança nas ruas de Rosario, sua cidade natal. Ele dizia almejar defender a seleção argen-

tina e ser campeão do mundo. Para pensar em qualquer coisa, talvez tenha bloqueado em sua mente o som dos milhares de argentinos dentro do estádio, que foram mais uma vez maioria. Os mesmos que cantavam sem parar e, que aos dez minutos, gritaram "Diego" para lembrar Diego Maradona, morto em 2020.

O Mundial de 2022 foi o primeiro depois da morte. E foi conquistado, tal qual ele havia feito em 1986, por um camisa 10 da alviceleste, o jogador que, ninguém mais pode colocar em dúvida, é seu legítimo herdeiro: Lionel Messi.

Em um breve instante de egoísmo, pode ter pensado que converter aquele pênalti o faria ser vice-artilheiro da Copa (terminou com sete gols, um a menos que Mbappé) e eleito o craque da competição. Isso puxaria outra imagem, a dele mesmo a subir lentamente as escadarias do Maracanã em 2014, após a sua seleção ser derrotada pela Alemanha na decisão.

Há oito anos, o atacante foi eleito o melhor do torneio e, para receber o prêmio, teve de passar a poucos metros da taça de campeão do mundo sem poder tocá-la.

Como a mente coleciona imagens que se relacionam, a lembrança das lágrimas que derramou naquela tarde no Rio de Janeiro o faria pensar

em outros choros. Como os das derrotas nas finais na Copa América de 2015 e 2016. Depois desta última, chegou a dizer que não atuaria mais pela equipe. Recuou pouco depois.

Mas lágrimas em Lusail quem derramou mesmo foi Ángel Di María. O meia-atacante, que foi surpresa na escalação e parece sempre se lesionar em torneios importantes, desabou no choro ao fazer o segundo gol da Argentina aos 36. Completou para a rede um contra-ataque que passou pelo passe sem olhar de Messi, foi para De Paul e Mac Allister antes de chegar Ao camisa 11.

A vantagem de dois gols, a maior em uma final de Copa no primeiro tempo desde o Brasil x França de 1998, foi demais para o técnico Didier Deschamps. Antes do intervalo, ele fez duas mudanças ofensivas. Colocou em campo Thuram e Muani. Ao ver a placa da alteração, Olivier Giroud, que sairia, parecia não acreditar.

Em seu último jogo em Mundiais, no maior tudo ou nada da sua carreira, a lembrança de Messi pode ter ido longe. Talvez a 2004, quando a AFA (Associação de Futebol Argentino) armou um amistoso às pressas do sub-20 contra o Paraguai apenas para que ele jogasse e, assim, anulasse a possibilidade de defender a Espanha, onde morava desde os 13 anos.

De frente para Lloris, o golei-

ro da mesma França que acabou com seu sonho nas oitavas de final em 2018, Messi, se prestou atenção, teve a chance de ouvir mais uma vez no Qatar a massa a gritar seu nome com os braços estendidos em movimentos para cima e para baixo, como quem adora um totem sagrado.

Estava tão concentrado que nenhum companheiro se aproximou. Nem Rodrigo De Paul, que teve uma das grandes atuações individuais de um jogador em final de Copa.

Veneração que cresceu com o tempo. Lionel poderia ter pensado que, no passado, foi acusado de não cantar o hino, não se importar com a seleção, jogar bem apenas pelo Barcelona, não se empenhava pelo time como deveria. Ou que estava prestes a apagar a decepção dos torcedores argentinos.

Já com a bola no chão e ao ouvir o apito do árbitro polonês, Lionel Messi teve a chance de pensar que os traumas da seleção em 1990 e 2014, quando caiu na final, esse fantasma pessoal em Mundiais, estavam prestes a acabar. Era algo que poderia deixar nervoso qualquer um. Mas ele mesmo já falou que medo mesmo só sentiu quando era criança, pelo Newell's Old Boys, e teve bater pênalti no dérbi contra o Rosario Central.

Na decisão da Copa e contra a França, ele cobrou como se

o futebol, para ele, fosse a coisa mais fácil do mundo. E é.

Pode ter passado pela sua cabeça que o jogo estava decidido. Como não? Mas Mbappé estava em campo, empatou duas vezes e parecia que estragaria a coroação do argentino com empate por 2 a 2 e a prorrogação.

Messi com certeza imaginou a injustiça de tudo aquilo e temeu a decepção em seu adeus. Mas serviu apenas para que ele, um dos maiores craques da história, fizesse um gol de centroavante, ao empurrar a bola para além da linha após rebote de Lloris. Mas ele já havia percebido estar na maior decisão da história da Copa. Mbappé empatou outra vez.

Messi teve de novo de colocar a bola debaixo do braço para bater um pênalti. De novo marcou. Cerrou os punhos e olhou para a torcida atrás do gol. O mesmo valeu para Mbappé.

Como já havia ocorrido contra a Holanda, ele precisava que o goleiro Dibu Martínez fosse herói. Ele foi: defendeu a cobrança de Coman e viu Tchouaméni chutar para fora. Em todos os arremates, Messi caminhou para incentivar o batedor seguinte.

Messi esperou 16 anos e quatro Copas pelo momento da sua consagração final. Quando o polonês apitou pela última vez, ele teve certeza de que valeu a pena.

“Óbvio que eu queria encerrar minha carreira com isso [o título], não posso mais pedir nada. Graças a Deus, ele me deu tudo. Amo futebol, o que faço. Gosto de estar na seleção, no grupo, quero continuar vivendo mais alguns jogos sendo campeão mundial”

Lionel Messi

“A gente precisa guardar um lugar para ele [Messi] na próxima Copa. É ele que vai decidir o que fazer com sua carreira futebolística, porque com certeza ele não tem nenhuma ponta solta com a seleção. O que ele transmite aos colegas é algo muito importante, algo que não dá para verbalizar”

Lionel Scaloni
treinador argentino

“Este é um momento que nunca vou esquecer. Messi é meu ídolo, ele merece mais do que ninguém, estou feliz por ele, por todo o grupo. Ganhar uma Copa aos 21 anos é incrível”

Enzo Fernández
meio-campo da Argentina

“No começo a gente sabia que ia sofrer. Graças a Deus conseguimos o título. Não teve nenhuma Copa do que Mundo que eu tenha sonhado tanto quanto esta”

Emiliano Martínez
goleiro argentino

Relembre as partidas da campanha

FASE DE GRUPOS
Argentina 1 x 2 Arábia Saudita
Argentina 2 x 0 México
Argentina 2 x 0 Polônia

OTAVAS DE FINAL
Argentina 2 x 1 Austrália

QUARTAS DE FINAL
Argentina 2 (4) x (3) 2 Holanda

SEMIFINAL
Argentina 3 x 0 Croácia

FINAL
Argentina 3 (4) x (2) 3 França



À esq., Messi, desolado, passa pela taça do Mundial após perder a final em 2014; à dir., jogador beija o troféu após conquistá-lo. Wagner Carmo/Folhapress e Lee Smith/Reuters

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Copa do Mundo **Página:** 2